

A INTERPRETAÇÃO DA IDEIA INADEQUADA EM SPINOZA

Paulo Santana¹

RESUMO: A imaginação opera por meio de ideias inadequadas que são imagens mutiladas e truncadas, fabricadas na consciência a partir das experiências sensoriais. Essa conjugação engendra um processo inexato de apreensão ou interpretação da realidade existente nas relações entre os modos finitos, tomando como primazia apenas o conhecimento empírico. Como resultado, apresentarei, em linhas gerais, a maneira sob qual Espinosa demonstra em sua filosofia a natureza provisória da *ideia inadequada* e suas consequências.

PALAVRAS-CHAVE: Inadequação. Erro. Imagem. Corpo. Padecimento.

ABSTRACT: Imagination operates through inadequate ideas that are maimed and truncated images; manufactured in consciousness from the sensory experiences. This combination generates an inexact process of apprehension or interpretation of existing reality in relations between the

finite modes; taking as precedence only empirical knowledge. As a result, I will present in the General Guidelines, a sob Way qua Espinosa shows in his philosophy: Nature Provisional inadequate idea and its consequences.

KEYWORDS: Inadequacy. Error. Image. Body. Suffering.

É de suma importância para o pensamento filosófico geral, tratar da teoria do conhecimento de Bento Espinosa (1632-1677), principalmente a relação que se estabelece em sua filosofia entre ideia e ideado, como também expressar toda a proposta metafísica e ontológica que sustenta sua gnose — proposta essa que permitiu-lhe produzir uma ética que fornece subsídios para uma vida beata, livre das paixões, superstições e enganos.

Em princípio, analisando estruturalmente a Proposição I do Livro III (*A Origem e Natureza dos Afetos*) na obra *Ética*, na qual o conceito de ideia inadequada terá maior relevância, percebe-se em sua composição, estrutural, apenas uma demonstração seguida de um corolário. Espinosa, comumente, se vale de diversas proposições, corolários e definições de partes anteriores (*Deus / A Natureza e a Origem da Mente*) para fundamentar as ideias expressa nesta proposição. A organização segue, caracteristicamente, a rigorosidade do método geométrico.

A nossa mente, algumas vezes, age; outras, na verdade, padece. Mais especificamente, à medida que tem ideias adequadas, ela necessariamente age; à medida que tem ideias inadequadas, ela necessariamente padece.²

Para melhor compreensão da proposição em questão e, também, sua relevância na produção do conhecimento filosófico moderno, é prudente esclarecer à proposta gnosiológica “espinosiana” e suas diferenças em relação a outros sistemas racionalistas como, por exemplo, o cartesianismo. Vale ressaltar: Espinosa, comumente, é classificado na história da filosofia como um racionalista, e como tal será interpretado neste empreendimento. A princípio, também considero importante o legado de tradições anteriores³ que influenciaram direta e indiretamente na produção filosófica do pensador holandês.

O século XVII foi um período promissor na história do pensamento filosófico/científico ocidental. Apesar dos avanços consideráveis em diversas áreas do saber humano, duas antigas tradições filosóficas que passaram por consideráveis modificações e perpassaram todo período medieval, insistiram em permanecer nas discussões promovidas pelos doutos em círculos seletos, a saber: (i) *platônica* e (ii) *aristotélica*. A primeira define alma como dirigente do corpo; uma entidade no comando de outra, fazendo-a de morada temporária; a segunda concebe o corpo como “*organon*”: instrumento da alma do qual o corpo se vale para agir no mundo. Com base no predomínio destas correntes no campo especulativo descrito, resta saber: quais relações, determinadas tradições tiveram na edificação

do conhecimento moderno, especificamente àquelas, concernentes ao conceito de *ideia*?

Durante todo o século referido ou até mesmo anteriormente (Idade Média), a ideia de triângulo nada mais era que o modo representativo da “realidade objetiva” do triângulo. Todavia, essa relação se resume entre ideia e o objeto representado por essa. Em outras palavras, ideia era um modo do pensamento definido pelo seu caráter representativo. Descartes (1596-1650), apesar de conceber mente e corpo como duas substâncias distintas sem nenhuma conexão entre si, foi o primeiro a empregar o termo “ideias” para identificar tudo que se apresenta de imediato ao espírito. Sendo assim, Descartes apresenta uma alternativa diferente das convencionais. No pensamento cartesiano, pensar numa coisa é ter a ideia dessa coisa: “[...] não temos nenhum conhecimento das coisas senão pelas ideias que delas temos. Assim temos ideias de tudo que temos em nosso intelecto [...]” (BUZON; KAMBOUCHNER, 2003, p. 42). Ora, o conceito de ideia em Descartes, também, dispõe de duas características particulares: clareza e distinção. Esses conceitos, em Descartes, são marcas do “verdadeiro”. Uma ideia é clara quando fornece matéria para um juízo indubitável. Em contraste ao cartesianismo, Espinosa apresenta diferenças ontológicas claras no campo metafísico e também na maneira de manusear o termo ideia (adequação e

inadequação). Nesse ponto específico, se inicia diferenças claras entre os dois racionalistas. Para Espinosa: “A ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas”⁴. A mente é uma ideia oriunda do atributo, Pensamento (afecção divina). Espinosa define substância como: “aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado”⁵. O homem não é a reunião de duas substâncias (*res cogitans e res extensa*), como entendia Descartes, mas uma modificação de uma única substância; ou se preferir, um modo finito da natureza. O modo finito é a composição de dois infinitos atributos, pensamento e extensão, que provém, necessariamente, da Substância única e infinita. Consequentemente, para demonstrar sua teoria do conhecimento, Espinosa recorre à doutrina do *paralelismo*. Diferente do cartesianismo, o pensamento não possui primazia em relação ao corpo e sim: o que é ação no corpo também, necessariamente, é ação na alma; o que é paixão no corpo é, necessariamente, paixão na alma:

Tudo aquilo que acontece no objeto da ideia que constitui a mente humana deve ser percebido pela mente humana, ou seja, a ideia daquilo que acontece nesse objeto existirá necessariamente na mente; isto é, se o objeto da ideia que constitui a mente humana

é um corpo, nada poderá acontecer nesse corpo que não seja percebido pela mente.⁶

Deus possui todas as ideias, que são adequadas enquanto relacionadas a Ele e inadequadas quando sua causa é ignorada. Aquilo que é modo participa em Deus. Nosso corpo participa da potência de existir, e nossa mente, da potência de pensar; ambos são afecções de Deus. Necessariamente, as outras ideias agem sobre nossa mente, assim também, como os outros corpos agem sobre nosso corpo. Espinosa distingue no *TIE*⁷ três gêneros do conhecimento: *imaginação*; *razão*; *intuição intelectual*. O primeiro gênero, o qual nos interessa, está classificado como o nível mais baixo e provisório, sendo importante frisar “gêneros” e não “faculdades” separadas e distintas, como argumentava Descartes.

Espinosa, em sua epistemologia, fala em partes ou em graus específicos de uma única e mesma atividade. A imaginação trata da experiência vaga do “ouvir-dizer”, isto é, o gênero que opera por *ideias inadequadas*. No gênero imaginativo, não temos conhecimento genuíno dos corpos exteriores, nem tampouco o nosso. Os conhecimentos que possuímos são oriundos das ideias de afecções: “Aquilo que chamamos de ‘objeto’ é apenas o efeito que um objeto tem sobre nosso corpo; aquilo que chamamos de ‘eu’ é apenas a ideia que temos do nosso corpo e da nossa alma, enquanto

sofrem um efeito.” (DELEUZE, 1968, p. 99). Temos que tomar algumas precauções terminológicas no que se refere ao conceito de afecções. Na obra *Ética* encontramos as palavras *affectio*⁸ e *affectus*⁹ para designar fenômenos distintos evidenciados no modo finito. Por conseguinte, *affectio* é o que há em outra coisa e também é concebido por essa coisa. Em simultâneo ao modo, caracterizam-se como realidades dependentes de outras realidades (são “em outra coisa” e não “em si” como a substância). Devemos distinguir dois casos específicos de afecções: as “afecções da Substância” e “afecções das coisas singulares”¹⁰. Os *affectus* são primeiramente “paixões”; trata-se de uma ideia confusa produzida pelas afecções de outros corpos, no corpo humano. Os afetos são regulados pelos estados de alegria e tristeza. O primeiro engendra a passagem de uma perfeição menor para uma perfeição maior; no segundo caso, segue-se o caminho inverso. As ideias inadequadas indicam um determinado estado do nosso corpo, mas não explicam a natureza ou as particularidades do corpo exterior, revelam-se sempre isoladas e estéreis. Posto isto, Espinosa segue afirmando na proposição seguinte: “A falsidade consiste na privação de conhecimento que as ideias inadequadas, ou seja, mutiladas e confusas envolvem”¹¹. As afecções geradas nas relações entre os modos (a impressão física) geram vestígios, os quais Espinosa denomina de imagens. A imagem é a impressão causada pela ideia da afecção que nos

faz conhecer o objeto apenas pelos seus efeitos. Tal conhecimento indica o estado momentâneo do que se é percebido sensivelmente, jamais a essência dos objetos exteriores. *A ideia inadequada* não é nem privação absoluta, nem ignorância absoluta, ela envolve uma privação de conhecimento. Um conhecimento parcial da realidade.

Não há, nas ideias, nada de positivo que constitua a forma da falsidade (pela prop. 33). Ora, a falsidade não pode consistir na privação absoluta (pois se diz que erram ou se enganam as mentes, mas não se diz o mesmo a respeito dos corpos), nem tampouco na ignorância absoluta, pois ignorar e errar são coisas diferentes. A falsidade consiste, portanto, na privação de conhecimento que o conhecimento inadequado das coisas - ou seja, as ideias inadequadas e confusas - envolvem.¹²

A privação, do qual somos afetados, é o conhecimento adequado de nossa mente, nosso corpo, Deus e do objeto que produz em nós a afecção da qual somos a ideia. *A ideia inadequada* é, portanto, “uma ideia que envolve a privação do conhecimento de sua própria causa, tanto formal quanto materialmente.” (DELEUZE, 1968, p. 101 Quando olhamos para o sol, acreditamos que ele esteja a certa distância considerável a nós. Espinosa interpreta esta operação como um erro, pois a imaginação leva-nos a tomar o efeito pela

causa. E, à medida que imaginamos, padecemos: “à medida que temos ideias inadequadas, necessariamente, padecemos.”¹³ Tudo que existe possui uma potência; o estado de padecimento é a diminuição dessa potência e, conseqüentemente, somos arrebatados por ilusões e nos tornamos seres apaixonados. “Disso se segue que, quanto mais ideias inadequadas a mente tem, tanto maior é o número de paixões que ela será submetida; e contrariamente, quanto mais ideias adequadas tivermos, tanto mais agiremos.”¹⁴ No entanto, a ideia adequada, em sua natureza, possui a capacidade de, facilmente, ligar-se a outras ideias com sucesso num bom raciocínio. Assim, Espinosa apresenta: “Toda ideia que é, em nós, absoluta, ou seja, adequada e perfeita, é verdadeira.”¹⁵ A proposição, em primeira instância, não fala de adequação ou inadequação; diz somente que, a ideia absoluta é em nós, verdadeira. Quando há em nós uma ideia verdadeira ela é adequada em Deus, enquanto Ele constitui a essência de nossa mente. Desta maneira, somos ativos, aumentamos a nossa potência de agir apreendendo a concatenação das ideias visando a sua causa na cadeia das interconexões.

CONCLUSÃO

As *ideias inexpressivas* são colhidas por meio da experiência imaginativa, pois se trata de um conhecimento restrito das afecções oriundas do movimento físico necessário dos corpos, expressando apenas um conhecimento tangível e incompleto sobre a realidade que abarca todos os setores (Substância). O conhecimento inexpressivo, apesar de ser inadequado nos modos, não possui característica negativa totalmente. Trata-se de algo provisório, um gênero (o primeiro). Porém, toda falsidade consiste na privação de conhecimento, padecimento que nos afeta produzindo ilusões. Em contrapartida, as ideias adequadas são àquelas tidas em Deus, pois Esse possui não só a ideia deste ou daquele modo, mas as ideias de todas as coisas enquanto afetado por elas.

NOTAS

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Filosofia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: sppinozza@gmail.com.

² E, III, prop. I.

³ Kabbalah; Moisés Maimônides; Giordano Bruno; Bhai Josef bar Pakuda; Magister Leo Hebraeus.

⁴ E, II, 7, prop.

⁵ E, I, 3, dem.

⁶ E, II, 12, prop.

⁷ Tratado da Emenda do Intelecto.

⁸ afecção

⁹ afetos

¹⁰ É, ao mesmo tempo, coisa singular e alteração de uma coisa singular.

¹¹ E, II, 35, prop.

¹² E, II, prop. E dem.

¹³ E, III, 1, prop.

¹⁴ E, III, 1, prop. Cor.

¹⁵ E, II, 34, prop.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTUSCHAT, Wolfgang. *Espinosa: introdução*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.

CHAUÍ, Marilena. *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Spinozae o problema da expressão*. Trad. de Spinoza et le problème de l'expression. Paris: Les éditions de Minuit, 1968.

GLEIZER, Marcos André. *Lições introdutórias à ética de Espinosa*. São Paulo: Editora: Via Verita, 2014

RAMOND, Charles. *Vocabulário de Espinosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROVIGHI, Sofia Vanni. *História da Filosofia Contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1999.

SCALA, André. *Espinosa*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SCRUTON, Roger. *Espinosa*. São Paulo: Loyola, 2001.

SCRUTON, Roger. *Introdução à Filosofia Moderna: de Descartes a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SPINOZA, Benedictus de. *Tratado da Correção do Intelecto*. São Paulo: Nacional, 1996.

SPINOZA, Benedictus de. *Tractatus theologico-politicus*. In: Spinoza Opera (Heidelberg: Carl Gebhardt) vol. III. Em português: *Tratado Teológico-Político*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988; Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. Coleção Paidéia. Ed. Martins Fontes, 2008.